

LUÍS CARDIM

---

ASPECTOS COOPERATIVOS DA  
EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS  
DA AMÉRICA

---

Separata de «A Águia» – N.ºs 37 a 48 (3.ª série)

---

EMPR. INDUST. GRÁF. DO PORTO, L.da  
178, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178



**T**ODA a evolução social se realiza pela propagação e aperfeiçoamento de experiências singulares; a cooperação, no sentido mais lato, encontra-se portanto na base de todo o progresso. Há porém, ao lado desta cooperação geral mais ou menos fortuíta, a cooperação sistemática e organizada. Integram-se nesta última todas as associações de fins especulativos: pedagógicas, científicas, etc.; a novidade que a América nos oferece está na coordenação em larga escala de todos os esforços locais, através do seu vasto e populoso território, semeado de centros de cultura.

Há hoje nos Estados Unidos vários grandes institutos de colaboração intelectual ou ética, como o *National Research Council*, para as sciências matemáticas, físico-químicas e biológicas, ou o *Research Council of the Social Science*, ou ainda o *Carnegie Endowment for International Peace*, cujos nomes não carecem de ser explanados; no campo educativo compete êsse papel ao *American Council on Education*. Dele recebeu há pouco a Faculdade de Letras do Pôrto a amável oferta dos últimos números do seu boletim, e os ensinamentos a tirar são tão importantes que julgamos prestar algum serviço extraíndo das suas páginas, repletas de factos e de ideias, um breve quadro dos aspectos cooperativos que a pedagogia, naquele grande povo, tem recentemente assumido, mas já com uma exuberância e maturidade que se impõe à consideração universal.

\* \* \*

Digamos em primeiro lugar da importância e do âmbito do «Conselho Americano de Educação».

Fundado apenas em 1918, abrange actualmente 28 grandes associações educativas e 193 instituições de ensino superior. Viu nos últimos tempos agregar-se-lhe duas outras grandes colectividades, a União das Universidades Americanas e o Instituto de Educação Internacional. O seu orçamento subiu no ano transacto a 194.000 dolars, incluindo a aplicação de quatro fundos especiais, constituídos por doações particulares e subsídios do Estado, na importância de cêrca de 150.000 dolars. Terminou um largo inquérito nacional sôbre o custo da educação e tem entre mãos várias outras investigações colectivas; organizou um registo de 23.000

professores de ensino superior, com informações e referências individuais, para os fins de promover um ajustamento cada vez melhor dos homens e dos cargos; dispendeu 8.000 dolars em bôlsas de estudo no estrangeiro, além dos 25.000 dolars gastos com as suas delegações de Londres e Paris; e realizou finalmente sólido trabalho deliberativo nas suas quatro reuniões ordinárias e no seu congresso anual, publicando no *Educational Record* as directrizes e os resultados de toda a sua importante acção organizadora.

Entre as organizações filiadas destacaremos (além das duas acima, que com êle mais intimamente se fundiram) algumas das mais típicas: a Associação dos Professores Universitários Americanos, com 5.520 agremiados e um orçamento de 15.000 dolars; a Associação Americana das Mulheres Universitárias, em número de 22.000 e com uma despesa anual de 117.000 dolars; a Associação Americana de História, que reúne 2.500 sócios individuais e 249 instituições; o Instituto Américo-Escandinavo, com núcleos em sete cidades americanas, bem como em Stockolmo, Oslo e Copenhague, e um gasto anual de 100.000 dolars; o Instituto dos Arquitectos; o Instituto de Educação do Carácter, etc. Conta ainda no seu grémio várias outras associações de Universidades, de institutos técnicos superiores, de investigação científica, de pedagogias especiais, como a das línguas modernas, de educação religiosa, etc.

Esta concentração dos serviços comuns não só permite dar-lhes maior extensão e eficácia, como realiza grande economia de esforços, de pessoal e até de instalações; trata-se pois de certo modo, como se vê, da aplicação dos conhecidos métodos americanos dos *trusts* a fins desinteressados, patrióticos e humanitários.

\* \* \*

Princípio fundamental da obra empreendida pelo Conselho é o definido num breve artigo do seu director principal, o Dr. Riborg Mann: *facts control education*, os factos orientam a educação. Transcrevamos alguns dos seus períodos:

«Todos sabem que não basta uma boa organização política para assegurar por si só a permanência duma democracia. O povo tem de ser educado. Uma educação formando homens capazes de se governarem a si mesmos é a condição prévia essencial da estabilidade dum sistema de govêrno da nação pela nação».

«Todos concordam em que o nosso sistema político é único. Todos lhe reconhecem o pleno êxito. O desenvolvimento desta república sob as disposições sagazes da nossa constituição justifica a nossa fé nos princípios orgânicos sôbre os quais ela se baseia. Podemos, portanto, inferir que êsses mesmos princípios constituem a melhor guia que nos é dada para desenvolvermos um programa nacional consistente com o nosso sistema de govêrno, e por seu turno capaz de contribuir para a perpetuidade das nossas instituições».

«Todos concordam em que actualmente uma das feições mais notáveis da actividade das escolas americanas é o desenvolvimento rápido

dos inquéritos e experiências para determinar os factos da educação — uma sciência em via de constituir-se. Os resultados adquiridos tornam cada vez mais claro que numa democracia são os factos que orientam a educação. Uma vez que o estado de Detroit, mediante experiências objectivas, demonstrou que um determinado processo de ensinar a aritmética torna as crianças mais hábeis e exactas em trabalhar com números num mínimo de tempo, nenhuma outra autoridade se requiere para levar o estado de Cleveland a adoptar os novos métodos» . . .

O artigo do Dr. Mann tende a provar a necessidade de se criar um Secretariado Federal da Educação, para coligir, interpretar e classificar todas as informações particulares, tarefa que supõe demasiado grande para qualquer instituição local ou voluntária. Devemos acrescentar, porém, que a ideia não mereceu o aplauso geral, havendo muito quem receie a usurpação de autonomias que se têm mostrado fecundas.

Se nos são permitidas duas palavras sôbre nós próprio, diremos que, em 1916, pertencendo a uma comissão de reforma do ensino secundário, ao ser abordado o capítulo da inspecção, a propusemos justamente em termos similares: iria aos liceus para constatar as suas necessidades materiais, e muito particularmente para ver o que em cada um deles se fazia de melhor, o que depois seria devidamente apreciado e divulgado.

Mas voltemos à América do Norte . . .

\* \* \*

Procura então o A. C. E. determinar scientíficamente os factos educativos, mediante o concurso organizado do maior número possível dos seus técnicos, os educadores.

Até há pouco efectuavam-se os grandes inquéritos por meio de questionários enviados às várias instituições interessadas; coligiam-se dêste modo, além de certas estatísticas, grande número de opiniões individuais, em seguida ao que uma comissão, ou mesmo uma única pessoa, tirava conclusões e as transformava em normas a aconselhar de futuro. Verificou-se, todavia, que, embora muitos dêsses relatórios tivessem realmente estimulado e orientado certas linhas de progresso, as ilações tiradas nem sempre se impunham, devido sobretudo a diferenças de interpretação. Tudo redundava grande parte das vezes em meros trabalhos no papel, sem verdadeira eficiência, e êsses inquéritos foram-se dêste modo desacreditando.

Sem os abandonar por completo, o A. C. E. vai desenvolvendo cada vez mais ao seu lado a experimentação cooperativa, que é geralmente bem aceite.

Uma larga autonomia administrativa e pedagógica, a contrapôr aos sistemas centralizadores de tantas nações europeias, facilitou na América as primeiras experiências individuais e locais. O conhecido método dos *tests* foi-se desenvolvendo e aperfeiçoando de modo a impôr-se hoje como um sólido processo científico de determinar os factos da educação. Trata-se agora de interessar todos os educadores nessas experiências, pedindo-lhes

a averiguação activa de factos em vez de opiniões subjectivas mais ou menos vagas.

A massa dos resultados experimentais torna-se muito maior e portanto muito mais significativa, difundem-se os novos processos multiplicando o número dos seus técnicos, e os professores habituem-se do mesmo passo a procurar sempre nos factos educativos a base da sua orientação metodológica.

Como exemplo duma destas grandes experiências colectivas fornecemos o boletim do A. C. E. o largo inquérito realizado em 109 institutos superiores, nos seus exames de admissão, para determinar as aptidões especiais dos candidatos. São doutro artigo do Dr. Mann, as seguintes palavras que o definem:

«É óbvio que os melhores processos selectivos para a admissão nos colégios universitários não poderão diferir radicalmente dos processos mais sãos empregados para seleccionar para qualquer outra ocupação».

«Numerosos trabalhos experimentais se estão efectuando para o estudo e desenvolvimento dos métodos de avaliar as capacidades dos homens mediante provas (*tests*) de novo tipo, exames psicológicos, cocientes intelectuais e processos análogos. Se grande parte destes trabalhos não são ainda conclusivos, é tão somente porque o número dos indivíduos sujeitos às provas é demasiado pequeno para dar validade às reduções estatísticas. Daqui resulta que é este o campo mais fértil para os esforços de cooperação, pelos quais as provas que parecem mais significativas ao serem tentadas em pequena escala, são em seguida experimentadas em larga escala e sob as mais variadas condições locais.»

\* \* \*

As linhas gerais da organização duma destas experimentações cooperativas são as seguintes.

Reunidos em conferência os delegados dum grande número de instituições similares, determinam o problema ou problemas especiais a estudar, entregando a confecção dos *tests* a um pequeno núcleo dos melhores peritos da nação. Preferem-se provas já bem fundadas, embora se vá sempre considerando tudo quanto de novo se apresenta, e se encoragem as experiências em pequena escala, para abrir caminhos. O formulário é em seguida impresso e distribuído a todas essas instituições, que o executam meticulosamente; depois os resultados são confiados ao demógrafo, que os reduz a tabelas, e são por fim discutidos também colectivamente — e melhoradas as provas para nova aplicação.

Na investigação especial dirigida pelo A. C. E. cujos resultados estão ainda em via de julgamento, tomaram parte, como dissemos, 109 instituições, espalhadas por todo o vasto território federal, elevando-se a 40.000 o número dos estudantes abrangidos. O delinear das provas foi entregue aos especializados de quatro grandes universidades e um instituto superior, e os elementos coligidos estão sendo tabulados pelo professor Thurstone, da Universidade de Chicago, autor dum recente tratado de

estatística. Os resultados publicados abrangiam, em Outubro de 1925, 60 instituições e cerca de 17.000 alunos, tendo o govêrno federal contribuído com 5.000 dolars para a conclusão dêstes trabalhos.

Outros inquéritos análogos em preparação referem-se ao ensino do inglês, ao das línguas modernas estrangeiras, etc. Êste último vai ser conduzido simultâneamente nos Estados Unidos e no Canadá, e beneficia de largos donativos da *Carnegie Corporation for Foreign Language Study*.

E se, no desenvolvimento da nova actividade, à escolha dos primeiros problemas a estudar presidiu, porventura, um certo empirismo, já hoje se procura instalar a cooperação desde o início dos inícios, levando as instituições a organizarem colectivamente um plano geral sistemático de trabalhos. Em 1925 dirigiu-se o A. C. E. às universidades e institutos superiores seus agremiados, pedindo a cada um a indicação dos seus problemas mais urgentes, para a solução dos quais fôsse desejável o concurso de todos. Eis algumas dentre as 62 questões propostas:

«Como assegurar uma selecção melhor dos novos estudantes? Como remover os sentimentos de recriminação entre as escolas preparatórias e as universidades? Como coordenar os esforços de ambas? Podem os cursos preparatórios ser abreviados? Como assimilar os estudantes novos? Como inserir a educação física no programa acadêmico? Como assegurar um melhor equilíbrio e correlação entre os assuntos do programa? Como introduzir no ensino geral a música e as belas-artes? Quais os melhores meios de estimular a iniciativa dos estudantes? Como fortalecer a educação quanto à moralidade, ao domínio de si próprio e ao carácter?»

Sentimos, nestas ansiosas perguntas, o pulsar de toda a grande rede educativa dos Estados, plétórica de sangue novo e generoso.

Dum modo geral o plano de investigação desenha-se actualmente com os seguintes capítulos principais: estabelecimento dos padrões do ensino a ministrar, obtenção dos fundos escolares e modo de conseguir a sua maior produtividade, e, terceiro, orientação vocacional dos estudantes e avaliação das suas capacidades.

\* \* \*

Não nos propusemos entrar numa análise minuciosa de todas as formas por que nos Estados Unidos se está efectuando a cooperação educativa, de todas as suas variadas realizações ou dos seus problemas ainda em estudo, mas tão simplesmente dar uma ideia geral da sua importância, chamando a atenção para êstes grandes exemplos dum grande povo. Faltanos, porém, acrescentar algumas palavras quanto aos seus aspectos no campo internacional.

Reparte-se em três ramos essa actividade: intercâmbio de estudantes, de professores, e de informações e publicações científicas. Há delegacias do A. C. E., como dissemos, em Londres e Paris, e estão projectadas para breve as de Berlim, Genebra e Roma. Mas colaboram nos mesmos objectivos numerosas outras instituições, entre as quais oito, na pátria, avultam

pelo quantitativo dos fundos empregados; e nas longas listas publicadas no *Educational Record* em Janeiro e Abril de 1925 encontramos organismos para o intercâmbio entre a América do Norte e os seguintes países: Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, países bálticos e escandinavos, Polónia, Rússia, Bulgária, Hungria, Checo-eslováquia, Austria, Itália, Espanha, Pérsia, China, Japão e repúblicas de ambas as Américas. Existem além disso escolas e institutos superiores americanos, alguns deles especializados em história e pre-história, arqueologia, belas-artes, etc., em Roma, Atenas, Jerusalém, Bagdad, Constantinopla, Cairo, Beirut e Lovaina.

Em 1924-5 havia em França perto de 4.000 estudantes americanos; o número já é significativo, mas o que mais alguma coisa representa são os cuidados que a pátria com eles tem. Em primeiro lugar recomenda-se que os que partem vão bem preparados, porque só aprende realmente viajando *aquele que sabe aprender*. Em seguida as secções tratam de todos os assuntos preliminares; informações e conselhos, equivalência de cursos, bolsas de estudo, matrículas; finalmente os próprios estudantes são acompanhados e orientados. Procura além disto o A. C. E. conseguir trabalho conveniente para os menos abonados se manterem, estabelecem-se bibliotecas e gabinetes de leitura, há, enfim, para com eles todas as solitudes e carinhos.

E por forma análoga se procede quanto a outros países, e se organiza o acolhimento nos Estados Unidos dos estudantes estrangeiros.

Quanto aos graduados, aos professores e às universidades e associações científicas, as secções prestam-lhe com igual zêlo os seus múltiplos serviços: são ao mesmo tempo os consulados e as embaixadas das ciências e das letras norte-americanas.

Concentram-se e especializam-se nelas cada vez mais os vários esforços congêneres, que, dispersos, seriam muito menos eficazes e incomparavelmente mais gravosos. Os delegados educativos da América colocam-se em ligação íntima e permanente com todos os organismos europeus, e podem por isso com maior facilidade estabelecer toda a espécie de contactos científicos entre os indivíduos e as instituições dos Estados e indivíduos e instituições da velha Europa.

O problema geral é assim apresentado num memorandum de 31 de Dezembro de 1925: «Como desenvolver uma estreita cooperação entre os organismos que envolvem relações educativas internacionais, de modo a assegurar uma produtividade máxima no desenvolvimento da boa vontade internacional e do progresso educativo, com um mínimo de despesa?»

Nele se propõe que, devido aos bons resultados já conseguidos pelo Instituto de Educação Internacional e Conselho Americano de Educação, hoje intimamente ligados, todos aqueles organismos lhes entreguem a realização da sua tarefa internacional, sem de modo algum se sacrificar a autonomia dos cooperantes. Estabelecer-se-iam dêste modo centros de acção em todas as regiões do mundo: em Tóquio e em Pekim ou Shangai para o Extremo Oriente, na cidade de México e em Buenos Aires para a América Latina, no Cairo para a África, etc. E na península ibérica projecta-se também, para mais tarde, a criação duma delegacia em Madrid — onde



aliás a *Junta para Ampliacion de Estudios* já funciona como agência de colaboração com os Estados Unidos.

\* \* \*

É o Conselho Americano de Educação uma obra larga e próspera como só se vêem na grande nação americana. E se não tem ainda, nem virá a ter, um *sky-scraper* de numerosos andares para sua séde, êle próprio ergue aos céus mais nobre e mais alto edifício, a generosa colaboração de muitos milhares de almas cheias de confiança e de ardor juvenil.

Em Portugal possuímos variadas associações científicas e pedagógicas, em diferente grau de actividade, mas a Associação Portuguesa para o Progreso das Ciências, sob a presidência do eminente professor Dr. Gomes Teixeira, é talvez a que representa cooperação em mais larga escala. Respondendo à pergunta do Conselho Americano de Educação, sôbre qual a associação portuguesa a que melhor se poderiam dirigir para o intercâmbio educativo luso-americano, foi aquela que indicamos. Oxalá que por seu intermédio as relações intelectuais de Portugal com a grande república, já hoje notáveis em vários ramos, se estreitem ainda mais intimamente, e que também o nosso país em breve tome parte na grande cooperação organizada a que a poderosa instituição norte-americana procura dar uma latitude cada vez maior.